

DA COMPREENSÃO DO TEXTO À VERDADE DA PALAVRA: uma leitura ontológico-hermenêutica de Graça Aranha¹

FROM THE TEXT UNDERSTANDING TO THE TRUTH OF THE WORD:
A ontological-hermeneutic reading of Graça Aranha

DO ENTENDER EL TEXTO DE LA VERDAD DE LA PALABRA:
Una lectura de lo ontológico-hermêutica de Graça Aranha

Flaviano Menezes da Costa
Almir Ferreira da Silva Júnior

Resumo: O presente artigo tem por objetivo desenvolver uma compreensão hermenêutica dos textos "Canaã" e "A estética da vida", de autoria do romancista Graça Aranha, enquanto expressões declarativas literárias e filosóficas de um acontecimento linguístico considerando os elementos fundamentais da hermenêutica de Hans Georg Gadamer: o *médium* da linguagem e os efeitos da consciência histórica. Para tanto, tomaremos como pressuposto a verdade da palavra nos textos literários e filosóficos, compreendendo *a priori* a concepção ontológica do compreender (*Verstehen*), cujo modo de ser não pode prescindir da escuta da tradição e de sua força declarativa enquanto experiência de linguagem efetuada dialogicamente na história. Nas obras analisadas, Graça Aranha realiza a tarefa de poder dizer algo a partir da linguagem que não é apenas o fio condutor de uma mensagem, mas a própria universalização de uma possibilidade de verdade, tanto literária quanto filosófica, da mesma forma que nos apresenta o conteúdo da tradição como experiência de uma concepção de mundo e que precisa ser interpretada; eis o que viabiliza a compreensão do texto num caráter dialético e ontológico.

Palavras-chave: Hermenêutica. Literatura. Linguagem.

Abstract: This article aims to develop a hermeneutic understanding of the texts "Canaã" and "A estética da vida", written by the novelist Graça Aranha, while declarative expressions literary and philosophical language of an event considering the basic elements of the hermeneutics of Hans Georg Gadamer: the *medium* of language and the effects of historical consciousness. For this we take for granted the truth of the word in literary and philosophical texts, understanding *a priori* the ontological conception of understanding (*Verstehen*), whose mode of being can not do without listening to the tradition and its strength as a declarative language experience performed dialogically in history. In the works analyzed, Graça Aranha performs the task of being able to say something from the language that is not only the thread of a message, but the very possibility of a universal truth, both literary and philosophical, just as in the present content of tradition and experience of a world view that needs to be interpreted, this is what enables the understanding of the text in a dialectical and ontological aspect.

Keywords: Hermeneutics. Literature. Language.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo desarrollar una comprensión hermenéutica de los textos "Canaã" y "Estética de la vida", escrito por el novelista Graça Aranha, consideradas como expresiones declarativas literaria y filosófica de un evento teniendo en cuenta los elementos básicos de la hermenéutica de Hans Georg Gadamer: el *médium* del lenguaje y los efectos de la conciencia histórica. Para ello daremos por sentada la verdad de la palabra en los textos literarios y filosóficos, considerando *a priori* la concepción ontológica de la comprensión (*Verstehen*), cuyo modo de ser no se puede hacer sin escuchar a la tradición y su fuerza declarativa dialógicamente a cabo en la historia. En las obras analizadas, Graça Aranha realiza la tarea de poder decir algo de la lengua que no es sólo el hilo de un mensaje, sino la posibilidad misma de una verdad universal, tanto literaria y como filosófica, al igual que en el presente contenido de la tradición y la experiencia de una visión del mundo que necesita ser interpretada, esto es lo que permite la comprensión del texto en una dialéctica y ontológica.

Palabras clave: Hermenéutica. Literatura. Linguagem.

1 INTRODUÇÃO

Ao proferir o discurso de abertura da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922, o romancista Graça Aranha (1968, p.744) reconhece;

"[...] tudo 'promete' uma admirável florada artística. E libertos de todas as restrições, realizemos na arte o Universo."

A promessa a qual esse senhor modernista se refere é a expressão dinâmica do "eu estético" que os novos artistas brasileiros daquela

* Trabalho premiado durante o XXII Encontro do SEMIC realizado na UFMA entre os dias 25 a 27 de outubro de 2010.
Artigo recebido em fevereiro 2011
Aprovado em março 2011

época se propõem a realizar nas artes plásticas, na música, na escultura e principalmente nas letras, criando possibilidades para a universalidade da linguagem artística.

Do ponto de vista hermenêutico e estético, segundo Gadamer, o homem seria essa "promessa" da linguagem, ou seja, esta seria o médium que determina e revela os nossos comportamentos enquanto "ser-no-mundo", legitimando-os como esse mundo aparece para nós. Por isso, faz-se necessário atentarmos à linguagem das coisas, buscando mirá-las e escutá-las como possibilidades (ou promessas) de verdade.

Desenvolver uma compreensão hermenêutica filosófica do romance *Canaã* e da obra lítero-filosófica *A estética da vida*, de autoria do romancista Graça Aranha, é analisar tais obras enquanto expressões declarativas literárias e filosóficas de um acontecimento linguístico considerando os elementos nucleares da hermenêutica de Hans Georg Gadamer: o *médium* da linguagem e os efeitos da consciência histórica. Neste sentido, discutir o problema **hermenêutico** da linguagem como experiência de abertura e declaração de sentido viabilizado sob os efeitos da história e pela escuta da tradição (*Überlieferung*), é, particularmente, desenvolver uma leitura hermenêutica das obras citadas.

Tomar como referência o pensamento de Gadamer é fundamentar-se em uma hermenêutica que discute ontologicamente os fenômenos do compreender e interpretar, considerando o legado da tradição e o horizonte do mundo da vida no qual se constitui a linguagem. Segundo o hermeneuta:

[...] O que chega a nós pelo caminho da tradição da linguagem não é o que restou, mas o que é transmitido, isto é, nos é dito – seja na forma de tradição oral imediata, onde vivem o mito, a lenda, os usos e costumes, seja na forma da tradição escrita, cujos signos de certo modo destinam-se diretamente a todos e qualquer leitor que esteja em condições de os ler. (GADAMER, 2005, p. 504).

Essa especificidade da linguagem demanda que a historicidade da existência deve significar não só a "essência" de toda consciência histórica, de toda interpretação "textual", mas também de toda compreensão de mundo que o homem amplia. Isto é, o que nos é transmitido na tradição, pela efetividade da consciência histórica, seja pela palavra falada ou escrita, estabelece não só um diálogo com o passado, mas também com o futuro, ultrapassando suas respectivas limitações históricas (*geschichtliche Beschränktheit*) e promovendo sempre

novas interrogações sobre as experiências do mundo e da vida.

Diante do exposto, como pensar a hermenêutica do texto sem identificar sua particularidade declarativa e a "fusão de horizontes" que anuncia a "verdade (*alétheia*) de sua palavra"?

Uma vez que a filosofia de Gadamer tem como propósito a investigação do compreender, na perspectiva de uma filosofia prática e como um acontecimento de abertura permanente em que a verdade se desvela, sua experiência reivindica aplicação - compreender é aplicar, é *práxis*.

2 DA COMPREENSÃO DA VERDADE NA PALAVRA LITERÁRIA

Desde a Antiguidade Clássica desenvolveu-se diferentes análises sobre uma possível aproximação entre a linguagem e a filosofia, e esta, com a arte. Quando no terceiro capítulo de *Verdade e Método* Gadamer (2005, p. 503) afirma que "A linguagem é o *medium* universal em que se realiza a própria compreensão" este já havia percorrido toda a história da hermenêutica, da compreensão e da linguagem da forma mais precisa possível, e pode concluir que a linguagem não é só um veículo do pensamento.

Ao desenvolver os fundamentos filosóficos da hermenêutica filosófica abordando a questão da verdade a partir da experiência da arte (submetendo-a a pergunta pelo sentido do ser) da extensão da verdade à compreensão nas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), e a virada ontológica da hermenêutica a partir da linguagem, a intenção gadameriana em *Verdade e método* é, essencialmente, elucidar o que significa a noção de experiência hermenêutica pensada à luz da concepção ontológica da verdade.

Ao contrário dos que seguiam o método cartesiano, Gadamer descreve em um método uno apropriado para se compreender e empregar as ciências históricas, sociais, da literatura, enfim, para as ciências do espírito ou ciências humanas, bem como critica a aplicação da metodologia científica moderna às ciências humanas em benefício da garantia do seu status de cientificidade.

Não se trata, necessariamente, de destruir a noção de método, mas de recolocar a questão da verdade e condenar a ambição de universalidade da metodologia científica, sendo que possuímos uma verdade que também se experimenta na arte, na tradição (e aqui entra a

questão da consciência histórica) e na linguagem. Por isso, a verdade da palavra deve ser investigada em um processo dialético e ontológico. Dialético, enquanto fusão de horizontes interpretativos e ontológicos na compreensão acerca da linguagem como “morada do ser”. Mas o que seria essa categoria da linguagem chamada palavra?

Palavra pode ser algo que é dito e nomeia. Algo que é dado e nomeia mais intimamente. E pode ser algo que participa de um jogo, e enquanto tal transcende o próprio ser nomeado. Desta forma, possui ao mesmo tempo, um caráter temporal da unidade e de um acontecimento, mas também nos remete a uma; [...] infinidade intrínseca de respostas possíveis que são todas – e com isso, nenhuma – “apropriadas”. [...]” (GADAMER, 2010, p. 26)

Platão, em sua obra *Crátilo*, já se interrogava acerca do significado das coisas que nem sempre são idênticas às coisas a qual se cita². Esta é a palavra falada transparente, tornando a linguagem algo **repleto** de possibilidades, porém, sem identidade duradoura ou oficializada.

É na palavra escrita que a linguagem chega a sua verdadeira espiritualidade, pois diante da tradição escrita a nossa “consciência compreensiva” alcança sua plena soberania. Consciência que possui na tradição não apenas uma porção de um mundo passado, mas acima dela, a consciência histórica, característica do homem contemporâneo. Todavia, a palavra escrita também é autoalienante, pois, mesmo a contragosto, acarreta consigo todos os demais que foram ditos.

Autoalienação que no texto literário pode ocorrer em maior ou menor nível, mas sempre pelo meio de uma “palavra autêntica”, que seja através de uma determinação dialógica que se dá através do ser, na qual estar dizendo ou dialogando com a palavra.

A possibilidade de uma “alienação na palavra escrita” que pode ocorrer pela obstrução do diálogo com o leitor, principalmente nos textos literários e filosóficos, existe, mas é nessa possibilidade que todas as propostas de compreensão e interpretação estarão simultaneamente presentes para serem apreendidas e atualizadas.

Tendo em vista a concepção gadameriana de consciência histórica – na qual a própria historicidade surge não como uma limitação, mas como um princípio de compreensão, de expectativa, lembremo-nos que na palavra mítica, ou na saga (na epopeia) e mesmo na palavra filosófica, há a “sentença especulativa”, onde

somos guiados a elaborar os nossos próprios esboços prévios de interpretação, mesmo que não compartilhem da pureza e da simplicidade da palavra poética, esta mais representativa do que conceitual.

O texto literário não é, como o texto jornalístico ou científico, secundário em relação a um falante primeiro que tem originalmente algo em vista. “[...] Ao contrário, as coisas dão-se aí de tal modo que toda interpretação posterior – mesmo a própria interpretação do autor – se subordina ao texto.” (GADAMER, 2010, p.37). Neste sentido, em que medida a caráter linguístico do texto literário, em seu poder de dizer algo, recoloca a questão da verdade numa dimensão universalizadora tal qual o texto filosófico?

Possivelmente, na medida em que ambas, e em um sentido de validade, “fazem coisas” e não somente comunicam algo verdadeiro. Tanto o texto literário quanto o filosófico remetem-se a uma infinidade intrínseca das suas essências especulativas, e conseqüentemente, de respostas possíveis.

[...] O fato de mesmo os textos só reconquistarem o seu caráter da palavra na realização viva de sua compreensão, de sua leitura em voz alta, de seu pronunciamento, não altera nada quanto ao fato de ser o conteúdo do texto e nada além disso que renasce aqui, isto é, a palavra potencial que diz algo. Por isso, o modo como a palavra está aí quando é “texto” torna visível o que ela é enquanto palavra que diz, ou seja, o que constitui o seu ser-na-medida-em-que-diz. (GADAMER, 2010, p. 30).

3 UMA LEITURA ONTOLÓGICO-HERMENÊUTICA DE GRAÇA ARANHA

O que torna a palavra um acontecimento de verdade histórica em um texto de ficção, como *Canaã*? Como pensar a proposta estético-filosófica apresentada na obra *A estética da vida* e a reflexão de uma nova *Canaã* como proposta de um diálogo hermenêutico com a tradição e uma intervenção crítica dirigida à cultura brasileira?

Estas são algumas das questões que nos deparamos quando tentamos tornar significativa uma leitura hermenêutica das duas principais obras de Graça Aranha, isto é quando tal desencobrimento ganha uma significação ontológica sendo então pensado em seu modo de ser, em sua verdade (alétheia).

Reconhecido como o primeiro romance de tese brasileiro, *Canaã* (1902) utiliza-se de algumas ideias nietzschianas, ao propor uma discussão sobre o nascimento de uma “alma multirracional”. Na segunda obra – *A Estética*

da Vida (1921), Graça Aranha busca reelaborar a questão de uma proposta estética brasileira através da filosofia e da própria arte. Tais declarações possibilitam identificar nestas obras as primeiras impressões e os novos entendimentos do autor sobre a alma brasileira, enriquecendo qualquer proposta ou processo de uma análise ontológico-hermenêutica da experiência da arte e apreciação comparativa entre o Brasil do início do século XX e o Brasil que vivenciamos. Autorizando, portanto, um diálogo entre o moderno e a tradição, a reflexão e o evento.

Em *Canaã*, Graça Aranha se inspira no profético Zaratustra de Nietzsche, para discorrer sobre a relação entre etnias, o preconceito contra a mulher e o negro e a inevitável devastação da natureza, nos proporciona também um diálogo, uma abertura de pensamento sobre a problematização de nossa identidade cultural (os rumos da cultura no Brasil), levando-se em conta o diálogo entre as gerações e a verdade da palavra, esta que, uma vez dita, atualiza-se.

Ao analisarmos, do ponto de vista hermenêutico-gadameriano³, as ideias expressas pelos principais personagens do romance *Canaã*, obra esta que se desenvolve em torno dos vínculos entre raças e culturas e do processo de "mestiçagem" da população brasileira, percebeu-se as primeiras inquietações filosóficas de Graça Aranha ao que se refere ao problema da identidade, considerando a adequação entre meio geográfico, raça e cultura. Do mesmo modo, o empenho do romancista em definir um caráter nacional brasileiro ao enfatizar as características linguísticas, os problemas étnicos e de costumes (religiosos e familiares) de cada personagem.

[...], havia no romance de estreia de Graça Aranha uma rara "consciência crítica" dos problemas raciais, sociais e morais do povo brasileiro, [...]. A discussão desses problemas se faz ali num amplo quadro filosófico onde, ao lado das ideias de Hartmann, Haechel e Schopenhauer recebidas via Escola do Recife, avultava o influxo das novas ideias nietzschianas e tolstoianas que Brito Broca incluíria entre "modas literárias". (PAES, 1991, p. 17)

O discurso que investiga a identidade de uma cultura brasileira é sustentado pelo circuito dialógico entre os personagens e, por sua vez, revela a linguagem de um modo da vida em suas expressões físico-geográficas, raciais, éticas e político-culturais. A compreensão ou discussão sobre a questão da identidade converge para a composição de um texto literário cuja estrutura comporta um diálogo sobre o presente, mas sem desconsiderar a tradi-

ção. Empenho discernível, se comparado a *Os sertões*, com seu caráter jornalístico, ou um *Macunaíma*, com sua representação simbólica. Será Graça Aranha empenhado em sintonizar a subjetividade da atividade psicológica e o pensamento brasileiro (tanto o dito "intelectual" quando o "folclórico") com a filosofia e a ciência mais avançadas de sua época que se aproximará de uma teorização mais sistemática saudada apenas em *Retrato do Brasil*⁴.

Mesmo que grande parte da obra se volte ao registro das divagações filosóficas em que se comprazem seus protagonistas, Milkau e Lentz, especialmente no primeiro ato do romance e a própria obra tenha suas "deficiências estruturais", que apontam uma "[...] incompatibilidade entre a sua dimensão realista e sua dimensão explicativa." (SCHWARZ apud PAES, 1991, p. 29), Graça Aranha antecipa um dos traços marcantes da porvindoura ficção modernista que surgirá quase duas décadas depois; o sentido autocrítico das obras, que culminará uma cisão dialógica entre o encantamento e a ponderação, entre a contemplação e a ação e a ideia de uma "metafísica brasileira".

Foi com base nessas experiências que Graça Aranha formulou as ideias filosóficas que expôs principalmente no seu livro intitulado "A estética da vida", publicado em 1921, e cujo merecimento a *Revue de l'Amérique Latine* de Paris saudou como o nascimento duma "metafísica brasileira". Segundo Graça Aranha, no fundo do terror que dominou o espírito humano quando descobriu o antagonismo entre ele e a natureza subsistia a aspiração de retornar à unidade primitiva, a esse abandono no regaço do mundo que foi o estado natural do homem. Para satisfazer a essa aspiração, criou a religião, a arte e a filosofia, que, segundo Graça Aranha, eram recursos para dar ao espírito a ilusão da sua união com o Todo. (FRANCOVICH, 1979, p. 67).

Entre os diversos temas abordados, nessa obra lítero-filosófica, está a definição do espírito nacional do homem brasileiro, na qual, seu autor, acompanhando os primeiros passos do surto do nacionalismo modernista que se inicia nas primeiras décadas do século XX e culmina com a Semana de Arte Moderna, produz um "retrato-diagnóstico" da intuição sentimental que o brasileiro tem da sua realidade, instaurando a ideia de uma "nacionalidade intuitiva" que criará uma alma brasileira com traços psicológicos que se desenvolve apenas na coletividade.

A alma brasileira não é, até aquele instante, caracterizada pela idealização, ou pela expressão estética madura, ou mesmo pelo predomínio da racionalidade sólida, mas sim, pela intuição, pela imaginação. Contudo, uma imaginação que é marcada pela forma opositora a

nossa relação com a natureza do país, quando esta função imaginativa é a causa de nossa impossibilidade de nos integramos com o Todo Infinito, permanecendo em uma situação de não-diálogo ou dualismo com o Cosmos.

A razão dessa não adequação, segundo o romancista, é caracterizada pela origem tríplice da alma brasileira. Três raças, três línguas, três compreensões distintas sobre o mundo, o Universo. Assim sendo, Graça Aranha apropria-se do conceito de intuição, espaço e tempo, elaborado pelo filósofo francês Henri Bergson, para vislumbrar ou criticar os traços fundamentais da nossa história cultural e dessa principal característica do homem brasileiro: a imaginação. Segundo Graça Aranha (1968a, p. 622),

"[...] O brasileiro imagina que tão maravilhosa terra não pode deixar de ter um esplêndido destino e vai para adiante impelido pela fatalidade, na barca da fantasia, certo de representar no mundo o papel que crê estar-lhe reservado."⁵

Se a linguagem é uma possibilidade de verdade, pois [...] somente com a linguagem que o mundo desponta, que o mundo desponta para nós, na diferencialidade e diferenciação ilimitada de sua automostração (GADAMER, 2007, p.37), conclui-se que o mundo humano é verbal por natureza, isto é, feito por palavras. Por sua vez, a linguagem, em seu caráter ontológico-existencial, é declarar-se no mundo e a palavra não é apenas "palavra" mas uma relação sociocultural, quando

[...], o singular das noções ou das palavras formam juntas o discurso. [...], a palavra tem um significado coletivo e implica uma relação social. A palavra que é dita a alguém, também a palavra que é dada a alguém, ou ainda a palavra em jogo quando alguém diz em relação a um assentimento; assim é que se fala, não tem em vista uma única palavra, e mesmo quando não se trata senão de uma única palavra, da palavra "sim", ela diz infinitivamente mais do que se pode "pensar". (GADAMER, 2010, p.25-26).

A fusão de horizontes ocorre quando o propósito inicial de uma análise da relação entre a verdade do texto literário e do texto filosófico, apesar de suas particularidades linguísticas, nos possibilita discutir o problema da identidade cultural brasileira, e de forma mais ampla, identificar semelhanças e disparidades entre o Brasil do início do século XX, que discutia política e artisticamente a influência de outras declarações artísticas em nosso terreno cultural, em especial a "vanguarda europeia", e o Brasil do início do século XXI, que discute os prós e os contras de uma globalização que até agora pouco favoreceu a uma "visão de conjunto" dos rumos que deve tomar a cultura, a política e a filosofia brasileira contemporâneas.

Nesta perspectiva, temos que reconhecer que a Filosofia, e em especial a hermenêutica filosófica de Gadamer, não é um projeto solitário, quando encontramos em um diálogo amplo com as outras ciências humanas - a história, a geografia e a sociologia, a pedra de toque da qualidade e de sentido que os argumentos referentes à linguagem (*Sprachlich/Sprach*) e o histórico-efetual (*Wirkungsgeschichte*) necessitavam.

Dessa forma, a compreensão hermenêutica, no caráter de sua aplicação, se apresenta como proposta de um diálogo vivo em que a construção das palavras nos remete não somente a escutar, à memória, mas cria uma conversação em que a palavra é o lugar de promessa de verdade. Em Graça Aranha a reflexão sobre a formação étnica, ética e psicológica da civilização do Brasil ocorre de forma intuitiva, através de uma "psicologia profunda da coletividade" - em Canaã, e posteriormente, através de uma "filosofia de ação"- desenvolvida n' *A estética da vida*, na qual o homem brasileiro precisa buscar uma compreensão estética da existência, sendo a arte (e aqui, em especial; a literatura), um dos caminhos privilegiados em direção a formação de um "espírito nacional", na qual o diálogo oferece a palavra a possibilidade de remeter-se a uma infinidade de respostas, na qual, uma desvendará a "alma brasileira", quando; "A palavra por si só, diz mais daquilo que se pode ser." (GADAMER, 2002c, p. 179)

NOTAS

1. Esta terceira parte do volume I de *Verdade e Método*, intitulada "A mudança ontológica das hermenêuticas orientadas pela linguagem", é dedicada às considerações sobre a natureza da linguagem e a mudança de importância através da história. Assim, o autor afirma que; "[...] a linguagem é o veículo através do qual o entendimento ocorre" (GADAMER, 2005, p. 389)
2. Quando a filosofia grega se inicia, tem-se como evidência que a palavra é somente nome, não representando o verdadeiro ser. O nome que se dá e que possivelmente pode mudar é o motivo as dúvidas quanto à verdade da/na palavra.
3. Segundo Gadamer em **Filosofia e literatura** (Philosophie und Literatur, 1981) In *Hermenêutica da obra de arte, na literatura*; "[...] Algo é sempre compreendido - e compreendido sempre significa a conquista de uma certa familiaridade com aquilo que é plenamente dotado de sentido. [...]" (GADAMER, 2010, p. 102).
4. Obra ensaística (1928) do historiador Paulo Prado (1869-1943) que investiga e interpreta

o entusiasmo dos ufanistas da década de vinte e expunha as mazelas nacionais, acumuladas ao longo de quatrocentos anos de exploração, conformismo e desmandos e críticas estrangeiras à nossa cultura.

5. Eduardo Jardim de Moraes (1978, p. 24), em *A brasilidade modernista* – sua dimensão filosófica, chama atenção para um aspecto delicado da posição filosófica de Graça Aranha; [...] À primeira vista, sua concepção da filosofia se afigura com a de uma filosofia da inação. Não há nada mais enganoso do que esta interpretação. Sua proposta não é a de um fatalismo no sentido preciso do termo, mas a de uma filosofia que defende a valorização de atividades específicas do espírito humano, justamente aquelas que devem levar o homem a se confundir com o todo [...].

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Graça. *A emoção estética na arte moderna*. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: INL, 1968a.
- _____. *A estética da vida*. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: INL, 1968b.
- _____. *Canaã*. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: INL, 1968c.
- AZEVEDO, Maria Helena Castro. *Um senhor modernista: biografia de Graça Aranha*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.
- FRANCOVICH, Guillermo. *Filosofia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1979.
- GADAMER, Hans-Georg. *A natureza das coisas e a linguagem das coisas*. In: _____. Petrópolis: Vozes, 2002a. v. 2.
- _____. *A universalidade do problema hermenêutico*. In: _____. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 2002b. v. 2.
- _____. *Hermenêutica da obra de arte*. Tradução de Marco Antonio Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. *Hermenêutica em retrospectiva*. Tradução de Marco Casanova. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007, v. 2.
- _____. *Homem e linguagem*. In: _____. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 2002c. v. 2.
- _____. *Verdade e Método: traços fundamentos de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2005. v.1.
- JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. v. 1.
- MORAES, Eduardo. J. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal Ed., 1978.
- PAES, José Paulo. *Canaã e o ideário modernista*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica e linguagem*. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.